AGUA-NHAMBI OU JAGUAR-NAMBI

CARLOS STUDART FILHO

"Qual a verdadeira denominação a ser dada à futura avenida que ligará os bairros da orla marítima de Fortaleza com os que ficam situados ao sul da Avenida 13 de Maio?"

Embora sôbre o palpitante assunto já se tenha feito ouvir a palavra a mil títulos respeitável de um especialista de maior crédito, não nos parece fora de propósito tecer, em derredor do momentoso tema, algumas despretensiosas considerações. Formuladas, sem qualquer intuito polêmico, visam elas, em princípio, a expressar o nosso parecer no tocante à questão que ora se debate. Servirão, também, em parte, para mostrar quão árduo é, por vezes, descobrir alguém a justa etimologia de certos vocábulos tupis, desde muito incorporados ao léxico brasileiro. Poderão, outrossim, evidenciar alguns dos numerosos equívocos a que estão sujeitos os estudiosos, até os mais acautelados, quando se aventuram por esses difíceis domínios da linguística americana.

A propósito das dificuldades com que se deparam aqueles que intentam laborar nesse tormentoso campo de indagações, ler-se-á com proveito o que escreveu Teodoro Sampaio no interessante e substancioso estudo a que denominou "Da Interpretação dos nomes tupis com emprego na geografia e na história nacional".

Inserto na magnífica obra "O Tupi na Geografia Nacional", de que constitui o quarto capítulo, contém, entre outros, os conceitos seguintes: "Nada mais ingrato nem mais exposto à controvérsia do que esse mister de interpretar palavras de uma língua desaparecida ou que já não tem vida diante de outra que a suplantou e lhe absorveu parte do vocabulário como é o caso do tupi para o português falado no Brasil.

"O estudo etimológico dos vocábulos, para o fim de fixar-lhes o verdadeiro significado, foi sempre campo de larguíssimas proporções, onde a imaginação, não raro, assume papel preponderante, e as hipóteses mais ousadas, explicações mais sugestivas, encontram

guarida e se impõem ao senso comum aureoladas ainda por cima com esse prestígio que a erudição, de ordinário, lhes comunica.

"Nesse terreno das investigações lingüísticas o imaginário e o hipotético, dando pasto amplo aos espíritos inventivos e imaginosos, aos que se deixam seduíir pelos problemas de soluções transcendentes, deram já nascimento a um verdadeiro gênero literário."

E prossegue: "O estudo etimológico dos nomes tupis com aplicação na geografia ou na história nacional é, ao meu ver, um trabalho mais de investigação historica do que pròpriamente de lexicologia.

"Conseguida a restauração **histórica do vocábulo**, fácil será explicar como êle se alterou ou como evoluiu até nós, porque invariáveis e positivas são as leis filológicas que regem a espécie.

"Firmado este ponto, é mister considerar que o tupi, como todas as línguas bárbaras, sem cabedal literário ou com arte e vocabulário organizados por estranhos, é sujeito aos defeitos comuníssimos da homografia e de homofonia. Palavras, na verdale, diferentes soaram e se escreveram de forma idêntica nos primeiros vocabulários."

"As dificuldades do interpretador salientam-se ainda mais se se considerar que o tupi, em contato com outras línguas americanas, como tantas houve no âmbito do Brasil e nas suas fronteiras, adquiriu, como não poucos foram os que o português, por si mesmo, assimilou do **Quichua**, do **Kariri** e dos que geralmente se designam pelo nome tapuia. Daí a necessidade, para quem interpreta, de bem conhecer o tupi e os seus principais dialetos, e de guardar a reserva mais cautelosa no decidir-se pela nacionalidade de um vocábulo duvidoso."

O medo de traspés dos tipos apontados tem sido, aliás, a razão por que vimos fugindo de modo sistemático de interpretar vozes indígenas, ainda aquelas que, ocasionalmente, aparecem em trabalhos históricos ou etnográficos por nós publicados. Quando, porventura, fazemos referências a tais etimologias, elas são, na realidade, frutos de pesquisas de mestres de iconcusso saber e nunca o resultado de nossas próprias investigações.

Agora, porém, tal atitude não teria justificativa, uma vez que fomos, de certo modo, intimados, por qoem tinha autoridade para fazê-lo, no caso o Conselho Estadual de Cultura, a dar o nosso parecer sobre esse problema de tanto interêsse para a nomenclatura das ruas de Fortaleza.

Obrigado, pois, a opinar, iniciaremos o nosso estudo pelo exame de cada um dos elementos que se aglutinaram para a formação das duas palavras cuja escolha se vem discutindo pela imprensa.

São elas, como se viu, **Água-nambi** e **Jaguar-nambi.**

Aqui escrevemos **nambi** e não **nhambi** — como aparece no artigo do jornal que se ocupou do assunto — por ser aquela e não esta a grafia real da palavra que nos interessa analisar.

O vocábulo **Nhambi** (escrito com **nh** ou **ñ** para indicar o som nasalado **nhã**), era, segundo os melhores autores, empregado pelos tupis para nomear certas ervas comestíveis.

Assim, lemos em Montoya (**Arte de la Lengua Guarani ó mas bien Tupi.** p. 241): **Nambi** — Yerva picante que se come.

Nhamby, registra por sua vez Teodoro Sampaio (Op. cit. p. 251), corr. de **yambi** — a erva de comer. E esclarece: Os índios comiam-na crua a modo do coentro e temperavam com ela os seus manjares. Rot. Bras. C. 93.

Agenor Lopes, (**Toponímia Carioca,** p. 142), seguindo o referido autor baiano, escreve: "**Nhambi.** Cpb. de **ya-mbi,** a erva ou planta de comer **Eryngium foetidum** (L) f. Umbelíferas. Os índios comiam-na crua ou com ela temperavam os seus manjares."

Martius, em sua monumental obra (**Glossaria Linquarum Brasiliensium,** p. 402) informa que no alto Amazonas os índios serviam da palavra **Nhambi** para designar a **Ottonia** *warakabacoura*, Miq.

* * *

Em relação ao vocábulo **nambi,** nenhuma dúvida existe, entre os autores que consultamos, no tocante ao seu significado. Apenas a grafia muda por vezes.

Assim, diz Teodoro Sampaio (Op. Cit., p. 250): "**Nambys** — C. de **na mbi.** S. a orelha, isto é, literalmente, a pele de união, excressência de pele, as orelhas..."

Em **Martius** (Op. Cit., p. 73 e na **Paranduba Maranhense** (p. 247),de Frei Francisco de N. S. dos Prazeres, lêem-se: **Namby** — orelha, asa do vaso, ao passo que em Montoya (**Op. cit.,** p. 232) e em D. Francisco Costa (**Carta Pastoral** p. 200) aparecem com idêntico significado as formas **Nambi** e **Inambi.**

O **Dicionário Português — Brasiliano; Brasiliano — Português,** editado em fins do século XVIII e republicado em nossas dias pelo prof. Plínio Airosa, consigna, por sua vez além da palavra **Namby** (pp. 102 e 262), a dicção **Namby-póra** (p. 262), a que dá o sentido de orelheira ou seja, de orelhas de animal, especialmente do porco.

Tastevin (**Vocabulário Tupi-Português,** p. 112) registra a variante **Nami** com a significação de "orelha exterior". Em seu **Dicionário** (p. 165) o catequista e etnólogo francês inscreve, porém o vocábulo como querendo dizer "pavilhão de orelha", o que vem a ser praticamente a mesma coisa.

Nami surge com igual acepção no **Vocabulário de Língua Geral.** de Gonçalves Dias (p. 554).

J. Barbosa Rodrigues, no **Vocabulário Indígena Comparado para mostrar as alterações de Língua** (p. 70), registra apenas as formas **nami, nambi e namby.**

* * *

Fato interessante: a palavra **nambi,** ao incorporar-se ao nosso léxico popular, tornando-se, deste modo, de uso corrente em várias regiões do país, sofreu curiosas alterações semânticas. Passou a significar animal troncho, isto é, privado de uma orelha ou de parte dela. Aplica-se, ainda, ao animal inteiramente desprovido de orelha e aos que as tenham atrofiadas.

Tanto assim ocorreu que Lamartine de Faria, em **Vocabulário do Criatório Norte-Rio Grande** (p. 68), se refere ao vocábulo da maneira seguinte: **"Nambi:** S. ausência ou atrofia das orelhas." E acrescenta: "Há uma forma mutante de carneiro, no Rio Grande do Norte, que recebe essa denominação por ter orelha reduzida ao mínimo. O mesmo que **lambi".**

De maneira idêntica opinam os dicionaristas Raimundo Girão e Florival Seraine.

Nambi ou lambi — escreve aquele homem-de-letras em **Vocabulário Popular Cearense** (p. 174) — "diz-se do animal que só tem uma orelha — troncho. Tipo de caprino que tem atrofiadas as orelhas."

Florival Seraine não é menos categórico. **"Nambi** — afirma ele em seu **Dicionário de Têrmos Populares** (p. 178) — é o "indivíduo a quem falta uma orelha ou que a tem completamente cortada. Uso plebeu ou rural".

O fato é, na verdade, digno do reparo, porquanto os tupis tinham exressões próprias para tal anomalia. Os do extremo-norte do país usavam — informa Fr. Francisco de N. S. dos Prazeres (**Op. cit.,** p. 247) — a palavra **oje-namby** para designar qualquer animal sem orelhas. Os guaranis do sul serviam-se, com idêntico propósito, diz-nos Montoya, **(Op. cit.,** p. 233), do vocábulo **Nâmbi-ey** (ex.**Guaçu-nambiey** — venado sin orejas). Valiam-se, ainda, da expressão **I nãmbi-apimbira,** que quer dizer o desorelhado.

Pablo Restivo, em **Partículas de la Lengua Guarani** (p. 158), apenas menciona o advérbio **Namby,** finalmente — que surge, em Montoya **(Op. cit.,** p. 233), grafado **Nambii.**

O **Dicionário Português-Brasiliano: Brasileiro-Português,** a que já aludimos, refere vários termos de que se utilizavam os nossos aborígenes de língua brasílica para especificar as alterações que afetavam, por vezes, o pavilhão auricular.

Assim, aparecem (p. 262): **Namby acyca ou Námbya tyca,** fanado das orelhas, orelhas cortadas, **Namby reyma,** mocho, sem orelhas, e **Namby xóre,** orelhas derribadas.

* * *

Passemos, porém, ao exame da voz **água,** ou melhor, **aguá** que é, como se viu, a outra componente da primeira das duas dicções cujo estudo estamos a realizar. Trata-se aqui evidentemente de um caso de apócope, metaplasmo de ocorrência vulgar em termos que do tupi passaram ao nosso vernáculo, integrando novas palavras.

São bons exemplos do fenômeno: cará-tinga e caá-atandyba, de que nos vieram catinga e catanduba ou catanduva.

Observe-se que Teodoro Sampaio (**Op. cit., p** 199) deixa claro que **aguá** proveio de **aguará** ou antes, **aguára,** pela queda da última sílaba.

Aguará, explica ele, é o nome de uma ave aquática, a garça vermelha, **Ibis rubra,** também chamada guará. Designa, outrossim, confusamente, um cão silvestre do Brasil **Canis jubatus** (Desm. Azarae), **Canis velutus** (Lund.). Deve-se antes dizer aguàre — cachorro do mato.

Em Martius (**Op. cit.,** p. 434) vemos aparecer as formas **agoára** ou **aguára** para indicar não apenas o cachorro do mato — **Procyon cancrivorus,** Illig (Brasil oriental), mas igualmente o Guaxinin, **Galictis vittata,** vulgo cachorrinho do mato.

Dicionaristas franceses registram, com o significado de cachorro, a palavra tupi **yawara,** cujo sentido primitivo, conforme lembra o padre Tastevin, em **La Langue Tapihiya dite tupi ou nèengatu** (p. 228), deveria ter sido "carnívoro" ou "quadrúpede". Assim parece indicá-lo, informa ele, o grande número de nomes derivados deste radical.

E acrescenta (p. 256): "O nome **yawara** que os espanhóis escrevem **yaguara** e João de Lery **jacuare** serve a designar, no seu radical, todos os animais que têm, de perto ou de longe, a andadura do cão. Torna-se **yagua** em conseqüência da queda da última sílaba; e pela supressão do **y,** que nada mais é senão o artigo **i** que se lhe incorporou, obtém-se o radical **awa, agua,** que não deve ser confundido com **awa, aba,** homem... Deste radical provêm os vocábulos **yawara,** cão; **yawara-té,** tigre; **yawa-kaha,** lontra."

Com a primeira das designações acima aparece também em Barbosa Rodrigues (**Op. cit.,** p. 93) em Gonçalves Dias (**Op. cit.,** p. 541). Aquele tupinólogo escreve, porém, **Yauara,** enquanto este opta pela grafia **iauára,** que é a aceita por D. Frederico Costa (**Op. cit.,** pp. 190 e 219). D. Frederico registra, outrossim, o nome **iauaraté** com o significado de onça.

J. Barbosa Rodrigues (**Op. cit.**, p. 70), consigna as variantes **Yaurité, Yaura eté, Yauar eté** e, ainda **yagua été** (onça).

No "Vocabulário das palavras guaranis usadas pelo tradutor da **Conquista Espiritual do Pe. A. Ruiz de Montoya** (p. 567), lemos: **Yaguar été** S. Onça ou cão verdadeiro, legítimo; onça tigre e, ainda, **Yaguar** (o que come gente, ou modificado de **tahar=ayahár,** o que agarra) onça, cão em geral. Nome genérico de todos os animais do gênero felis, carnívoro pois que se aplica a peixes, aves, insetos, mediante sufixo ou prefixo; cometa, exalação, vapor, fumo (o que come o chão?)."

No **Dicionário Português — Brasiliano; Brasiliano — Português** se nos deparam os têrmos **jaguaré** (p. 68) e **jagóara** (p. 239), como designativos de cão. O nosso felídeo de maior porte denomina o autor do trabalho **jaguarâ** eté (p. 102) e **jagóara etê** (p. 239).

Em Montoya (**Op. cit.**, p. 414), cão é catalogado sob os designativos de **yagua** e **aguarati.**

* * *

Em conclusão: Acreditamos que o nome AGUANAMBI seja perfeitamente aplicável à avenida que ora se abre em Fortaleza. Convém-lhe não apenas por ser esse o designativo tradicional de parte do bairro de nossa Cidade futuramente beneficiado pela nova artéria urbana,mas igualmente porque "o povo assim o quer" consoante proclamam os jornais. Cabe-lhe, ainda, tal apelativo porque a sua formação obedeceu a positivas leis filológicas.

Aliás, a nossa maneira de pensar tem apoio na palavra sempre respeitável de Teodoro Sampaio, quando escreve (**Op. cit.**, p. 199) **"aguá nambi. C. aguá nambi,** orelha de cão".

Argumentar-se que **aguanambi** é errado porque o povo foi, com o correr dos dias, adulterando a pronúncia e conseqüentemente também a grafia primitiva do vocábulo até chegar à forma atual, de nenhum modo nos parece convincente.

Em verdade, se fossemos corrigir todas as deturpações sofridas pelos vocábulos tupis introduzidos em nossa língua, teríamos de alterar a grafia de grande parte das vozes indígenas em uso no Brasil.

Botucatu passaria a **Ibitu-catu. Catapora** transformar-se-ia em **tatapora** e Jacarepaguá em **yacaré-upá-guá.** Paraíba e Tremembé voltariam a ser, respectivamente, **paranaíba** e **tereremembeca** ou **terémembé** e assim por diante, eivando de vozes bárbaras e dissonantes o nosso linguajar.

Caso se pretenda atender às exigências dos rigoristas, daqueles que desejam ver reconstituído o vocábulo **aguá-nambi** em sua for-

ma primitiva, a denominação mais adequada seria, em nosso entender, **aguàra-nambi.**

O designativo **jaguar-nambi,** também proposto para crismar o logradouro que ora se constrói, se nos afigura o menos aceitável, em face da repulsa que certamente encontrará da parte do povo, sempre apegado aos nomes e normas consuetas.

Demais, **Jaguarnambi** não é palavra cujo processo de formação seja de todo isento de crítica.

Poderia até ser considerada um autêntico hibridismo, ou seja, um vocábulo resultante da junção de elementos oriundos de línguas diferentes; no caso, a portuguêsa e a tupi.

Na verdade, o nome **jaguar** jamais existiu no vocabulário dos nossos indígenas

Tanto assim é que Barbosa Rodrigues, sem dúvida um dos grandes conhecedores do assunto, normalmente o repudia. Renovando afirmativas anteriores, diz ele, com efeito (**Op. cit.,** p. 101), ser "jaguar palavra estranha ao Nheengatu".

Ao felino a que tal designação é, por vezes, emprestada, chamavam os nossos aborígines, como se viu, **yawaraté, yaureté, iauraté, iaurarité,** etc.

Teodoro Sampaio (**Op. cit.,** p. 236) e Agenor **Lopes** (**Op. cit.,** p. 194) inscrevem a forma Jaguar como sendo corruptela de **ya-guará.**

Martius, que consigna (**Op. cit.,** p. 456) as variantes **Jaguâra** e **Jagoara,** com o significado de cão (**Canis domesticus**), registra, igualmente — baseado em Piso e Marcgrave — o nome **jaguára,** dando-lhe a acepção de onça (**Felis onda**).

Isso autoriza, quando muito, a considerar a dicção **Jaguarnambi** como o resultado da junção de **Jaguará** (cão ou onça) e de **nambi,** com a conseqüente queda da vogal final da primeira palavra.

Estamos, desse modo, diante de um caso de metaplasmo, idêntico ao que vimos ter ocorrido com o vocábulo **Aguanambi.**

Note-se, de passagem, que a dição **Jaguará nambi** é, por vezes, encontrada em documentos antigos.

* * *

Uma dúvida permanece, porém, em nosso espírito.

Por que teriam os indígenas cearenses batizado com o nome, na aparência tão pouco adequado, de orelha de cão um dos nossos riachos praieiros — nome que, depois, se estendeu a todo um bairro da periferia de nossa Cidade — eles que sempre se mostraram atilados na escolha das denominações que emprestavam aos acidentes geográficos, aos seres e coisas em geral?

Acaso seria esse curso de água a tal ponto tortuoso que apre-

sentasse, em seu trajeto, qualquer larga sinuosidade cujos contornos lembrassem a forma de uma orelha de cachorro?

Unicamente pesquisas em mapas antigos do Ceará e cuidadosas consultas a documentos dos primeiros tempos da colonização do nosso Estado, datas de sesmarias, cartas-régias, etc., poderiam talvez esclarecer esse ponto obscuro.

BIBLIOGRAFIA

Para a composição do presente artigo foram consultados, dentre outros, os seguintes trabalhos:

ANCHIETA, Pe. Joseph de. **Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil.** Ed. Biblioteca Nacional — Rio, 1933.

AYROSA, Plínio M. da Silva. **Dicionário Português — Brasiliano — Brasiliano — Portuguez.** Reimpressão integral da edição de 1795,seguindo a 2ª parte até hoje inédita, ordenada e prefaciada. **Rev. do Museu Paulista** — Tomo XVIII — São Paulo, 1934 — pp. 17 - 322.

BASTOS, Olívio. **A Toponímia Indígena o que nos pode sugerir.**

BARBOSA, Pe. A. Lemos. **Curso de Tupi Antigo** — Rio, Livraria São José, 1956.

BARBOSA, Rodrigues. **Paranduba Amazonense, ou Kochujima-uara parandub** — Tip. Leuzinger-Leuzinger e Filhos — Rio, 1890.

BARBOSA, Rodrigues. **Vocabulário Indígena comparado para mostrar a alteração da Língua.** Rio, 1892.

BARBOSA, Rodrigues J. "A Língua Geral do Amazonas e o Guarani", **Rev. do Inst. Histórico e Geográfico e Etnográfico do Brasil** — Tomo XXXVI — p. 359.

BATISTA, Caetano de Almeida Nogueira. "Esboço Gramatical do Abánee ou Língua Guarani" — **Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro** — Vol. VI — Rio de Janeiro, 1879.

CÂMARA Júnior, J. Mattoso. **Introdução às Línguas Indígenas Brasileiras** — 2ª ed., Livraria Acadêmica — Rio, 1965.

CARDOSO, Armando Levy. **Toponímia Brasílica.** Ed. Biblioteca do Exército — Rio, 1961.

CARTA PASTORAL de D. Frederico Costa. (Apêndice II Elemento necessário para aprender o Nheengatú) Tip. Minerva — Fortaleza, 1909.

CAVALCANTE, Amaro. **The brazilian language** — Rio, 3.12.1883.

COUTO de Magalhães, José Vieira. "Religião e Raças Selvagens do Brasil" **Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.**

FARIAS, Oswaldo Lamartine de, e AZEVEDO, Guilherme de. **Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense** — Rio, 1966.

FERNANDES, Adaucto. **Gramática Tupi** — Ed. A. Coelho Branco Fº — Rio, 1960.

FIGUEIRA, Luiz (Pe.) — **Gramática da Língua dos Índios do Brasil** — Separata da Revista nr. 73 do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ed. Imprensa Oficial. Bahia. 1948.

FURTADO, Sebastião da Silva. **A Toponímia e a Cartografia** — Rio, 1960.

GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário Popular Cearense** — Imp. Universitária — Fortaleza, 1967.

GONÇALVES DIAS, Antonio. **Vocabulário da Língua Geral usada hoje em dia no Alto Amazonas** — Rev. do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil — 16 — 4.º trimestre de 1854 — pgs. 533/562.

LOPES DE OLIVEIRA, Agenor. **Toponímia Carioca.** Rio, 1935.

LIUKOTKA, Cestmir. **Le Setá Un Nouveau Dialecte Tupi** — Journal de la Societé — Tome XXI — 1929.

LUCCOK. **A Grammar and Vocabulary of the Tupi Language** — com algumas notas feitas por Batista Caetano de A. Nogueira — Rio, 1881.

MAMIANI, Pe. Luís Vicêncio. **Catecismo em Língua Brasílica da Nação Kiriri.**

NELSON, C. de Sena. **Os Índios do Brasil.** Belo Horizonte, 1908.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Os Parintintin do Rio Madeira** — Journal de la Societé des Américanistas de Paris — Nouvelle Série. Tome XVI — pgs. 201/324. Paris. 1924.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Língua Serénte Piraís Novos do Rio Araguaya** — J. de La S. des Américanistes de Paris. — N. S. Tome XXI — pgs. 127.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Zur Sprache der Maué — Indianer** — pgs. 131/140.

NIMUENDAJÚ, Curt. **As tribus do Alto Madeira** — Journal de la Societé des Américanistes de Paris — Nouvelle Série — Tome XVII — pgs. 137/172. Paris 1925.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Língua Serénte** — Journal de la Société des Américanistes de Paris — Nouvelle Série-Tome XXI. pgs. 127/130. Paris 1929.

NOGUEIRA, Paulino. **Vocabulário Indígena em uso na Província do Ceará com explicações etimológicas, ortográficas, topográficas, históricas, terapêuticas, etc.** Rev. Trimensal do Instituto do Ceará. Ano I — 4.º Trimestre de 1887. Tomo I. Ceará, 1887.

NOTIZIE, **delle fatiche sofferté dai M.P.P. Nel Prendere il posesso delle popolazioni del Seará —** (Rev. do Instituto do Ceará. Tomo XLVI. Ano XLVI — 1932, pgs. 206/212.

PENAFORTE, Com. Raimundo Ulysses de. **Quadro Sinótico dos Nomes Indo-Brasileiros e a sua Reivindicação** — Belém, 1899.

PRAZERES, Fr. Francisco de N. S. dos. **Poranduba Maranhense** — Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geográfico Brasileiro — pp. 1-279 — Tomo LIV — Parte I — 1.º e 2.º Trim. Rio, 1891.

RESTIVO, Pablo de. **Partículas dela Língua Guarani** — Rev. Trim. do Inst. Geográfico Brasileiro — Tomo LVIII — pgs. 101|202. Rio, 1895.

ROHAN, Beaurepaire. **Dicionário de Vocábulos Brasileiros** — 2a. Ed. Liv. Progresso Editôria. Salvador-Bahia/1956.

SAMPAIO, Teodoro. **O Tupi na Geografia Nacional.** — 2a. ed. — Pensamento — São Paulo, 1914.

SERAINE, Florival. **Dicionário de Têrmos Populares** — (registrados no Ceará) ed. Simões — Rio. 1959.

SILVA, Protásio **I.R. da. Tupi ou Nheengatu e Português** — Manaus, 1945.

SILVA, Protásio. **Tupi-Português e Inglês.** — Livro Iepeçáua Remundê Iumunhã Uêra, Iauê — Cartilha Progressiva. Ed. Sergio Cardoso & Cia. Ltda. Manaus 1958.

TASTEVIN, Pe. Constantino. **La Langue Tapihiya dite Tupi ou Nheengatu** — Viana, 1910.

TASTEVIN, Pe. Constantino. **Vocabulário Tupi-Português.**

TASTEVIN, Pe. Constantino. **Nomes de plantas e animais em língua Tupi.**

TENÓRIO, d'Albuquerque, Miguel. **Língua Geral-Tupi-Guarani** — Separata do Tomo XVI da Revista do Museu Paulista — São Paulo, 1929.

VALLE CABRAL, Alfredo do. **Bibliografia das Obras tanto impressas como manuscritas relativas ao tupi ou guarani também chamada Língua geral do Brasil** — pgs. 143/218 — Com um apêndice sôbre Etimologia Brasileira.

VOCABULÁRIO das palavras Guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Pe. A. Ruiz de Montoya — Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol. VII. Rio, 1879.

VOCABULÁRIO Kawahíb (Tupi).

VOCABULÁRIO Parintintin-Levantado no Pôsto de Pacificação de Maicy.

VOCABULÁRIO Tupi do Alto Machado — pgs. 275/276.

VON MARTIUS, Carl Friderik Phil. **Glossaria Linguarum Brasiliensium** — ("Neste trabalho são estudados 68 dialetos dos indígenas do Brasil") Erlangen, 1863.